Ano IV — Lisboa, Maio de 1948 — N.º 37

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

O Engenheiro Sr. Jorge Pereira Jardim foi eleito Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal

Conforme noticiámos no nosso último número, os Escoteiros de Portugal estavam procedendo à eleição do seu Presidente e hoje temos o grande prazer de comunicar que foi escolhido por unanimidade para esse alto cargo associativo o Engenheiro Agrónomo Sr. Jorge Pereira Jardim. Em cumprimento do Decreto n.º 31.908 o nome do novo Presidente foi comunicado ao Sr. Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa que, não só o homologou, mas felicitou a A. E. P. pela boa escolha que tinha sabido fazer.

A ELEIÇÃO

O Sr. Engenheiro Jardim não necessita de apresentação, pois é bem conhecido da maioria dos nossos leitores. Escoteiro novo, desde fez parte do Grupo n.º 13, anexo à Sociedade de Geografia de Lisboa, onde desempenhou diversos cargos e atingiu o lugar de Sub-Chefe. Chamado à Região de Lisboa e aos Serviços Centrais, prestou sempre bons serviços nas tarefas que lhe foram distribuídas, das quais destacamos a de Comissário da Divisão Lobito, por volta de 1938; Comissário dos Serviços Z, durante os anos de 1939 a 1943; e ainda Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, cargo que acumulou com o de Chefe Regional de Lisboa, de que se demitiu em 1944, deixando o Escotismo na Capital em franco progresso, progresso que os acontecimentos que se seguiram inutilizaram.



Na sua vida oficial também o Sr. Engenheiro Jardim se tem distinguido pelas suas notáveis capacidades. Logo que terminou o seu curso foi convidado para prestar serviço no Ministério da Economia, tendo exercido o cargo de secretário do Sub-secretário de Estado da Agricultura, e depois foi nomeado Adjunto do Vice-presidente do Conselho Técnico Corporativo e Presidente da Comissão Superior de Comércio Externo à data da sua constituição. De ambos os cargos pediu a demissão em Março último, tendo o Sr. Vice-presidente do Conselho Técnico Corporativo exarado o seguinte despacho em 7 de Abril p. p.

«Engenheiro Agrónomo Jorge Pereira Jardim — exonerado, a seu pedido, dos lugares de adjunto do vice-presidente do Conselho Técnico Corporativo e de presidente da Comissão Superior de Comércio Externo, cargos que exerceu com inexcedível zelo, superior inteligência e inigualável dedicação», *louvor que demonstra bem o apreço em que a sua acção foi tida pelos seus superiores.*

Após o acto de posse, que se deve realizar dentro de breves dias, o novo Presidente procederá à escolha dos seus colaboradores e iniciará a tarefa de reorganizar os serviços associativos, tarefa que levará a bom termo, estamos certos disso.

UMA ENTREVISTA

Tendo o Senhor Cap. Álvaro Afonso dos Santos solicitado a demissão de Presidente dos Escoteiros de Portugal, por motivo de ir desempenhar funções oficiais no estrangeiro, foi decidido pelos Serviços Centrais da Associação consultar, de acordo com os Estatutos, todos os Grupos em actividade sobre a eleição do novo Presidente.

E dado o interesse de com urgência serem designados novos dirigentes, a fim de não se prejudicar a actividade do Movimento, foram também os Grupos convidados a pronunciar-se acerca da possibilidade de ser dispensada a reunião da Conferência de Dirigentes, realizando-se a eleição por carta devidamente autenticada.

Podemos já hoje comunicar aos nossos estimados leitores que, por unanimidade de votos de todos os Grupos, se decidiu dispensar a reunião daquela Conferência e eleger para Presidente da Associação o Senhor Engenheiro-Agrónomo Jorge Pereira Jardim que, em diversas oportunidades, desempenhou já funções directivas nos Serviços Centrais da A. E. P.

Apraz-nos registar, neste momento, a demonstração de unidade que os Grupos evidenciaram através do voto dos seus dirigentes responsáveis e ainda sublinhar o interesse que Sua Excelência o Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa», Prof. Doutor Luís Pinto Coelho, se dignou dispensar ao assunto, determinando prontamente que

fosse verificada e homologada, nos termos da Lei, a eleição do novo Presidente, dirigindo aos Serviços Centrais da A. E. P. palavras verdadeiramente elogiosas para o nosso Movimento e de confiança na acção dos seus dirigentes.

O Sr. Eng.º Agr.mo Jorge Pereira Jardim deve tomar posse do seu cargo ainda no decurso do mês de Maio, iniciando imediatamente, segundo somos informados, uma intensa acção directiva no sentido de diligenciar que os Escoteiros de Portugal retomem a plenitude da sua actividade dentro dos princípios educativos que Lorde Baden-Powell definiu e ao serviço dos superiores interesses nacionais.

Nesta oportunidade, que confiamos traduza um momento de excepcional importância para a vida da A. E. P., pareceu-nos indispensável recolher as primeiras afirmações do novo Presidente e trazê-las ao conhecimento dos leitores do «*Sempre Pronto*» para os quais decerto assumem o maior interesse.

Com esse objectivo procurámos o Sr. Eng.º Jorge Jardim que, ao inteirar-se do nosso desejo, prontamente acedeu em satisfazê-lo, começando por declarar:

— «Certamente que para alguns houve surpresa quanto à escolha do novo Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, mas devo afirmar-lhes que, seguramente, o mais surpreendido fui eu próprio. Na realidade os actuais dirigentes da Associação não deixaram de me vir informando, desde há largos meses e com toda a correcção e lealdade, do desejo que alguns elementos directivos haviam manifestado, de me ser confiada a Presidência dos Escoteiros de Portugal; com o tempo completamente ocupado pelas exigências das minhas obrigações profissionais e conhecendo com suficiente exactidão as responsabilidades do desempenho de tal cargo, vi-me forçado repetidas vezes a recusar qualquer posição directiva no Movimento, embora sempre afirmasse o maior entusiasmo e interesse pelo Escotismo a que tanto devo da minha formação e onde procurei servir, dentro das minhas possibilidades, sempre que outros deveres, de indeclinável cumprimento, me não absorveram por completo a capacidade de trabalho».

— E mesmo assim...,—interrompemos nós.

— «Pois, mesmo assim, decidiram esses bons amigos sugerir aos Grupos a minha eleição e comunicaram-me, há dias, o facto consumado do resultado obtido e do sancionamento que o Senhor Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa» havia decidido conferir à vontade afirmada pelos nossos escoteiros.

«Nestes termos, e até porque isso coincidiu com um período de relativa acalmia nas minhas ocupações, não me era possível apresentar nova recusa.

«E aqui me tem pronto a desempenhar as funções que me foram confiadas pela vontade dos Grupos, com o apoio amigo dos dirigentes das Regiões e dos Serviços Centrais.

«Compreenderá, agora, porque posso dizer que fui *o mais surpreendido*, ao ser eleito, por uma unanimidade que não pode deixar de me comover, para desempenhar um cargo para o qual nem sequer desejei apresentar a candidatura...».

— E após esse regresso ao nosso Movimento, como pensa nortear o trabalho directivo da A. E. P. e quais os elementos com que espera contar?

— «Respondendo à sua pergunta apenas lhe deverei dizer que uma vez que decidi aceitar o desempenho destas funções diligenciarei não desmerecer da confiança que em mim quiseram depositar e afirmar-lhe que confio ser-me possível reunir não só a boa vontade e os esforços de todos os que actualmente se honram de servir nos Escoteiros de Portugal, como ainda congregar o entusiasmo e a dedicação de muitos outros que, embora se não encontrem no serviço activo, penso não terem esquecido o velho lema de que *Escoteiro um dia, Escoteiro toda a vida.* Através das colunas do «*Sempre Pronto*» — cuja dedicada actividade tenho seguido com o maior interesse, como assinante e leitor de todos os números — aproveito a oportunidade que me oferece para lançar este primeiro apelo: TODOS NÃO SOMOS DEMAIS.

«Temos tanto que fazer que não dispensaremos a colaboração de quantos queiram trabalhar e penso que dentro das possibilidades de cada um haverá lugar para oferecer alguma coisa ao serviço duma causa em que apenas se visa cumprir dentro do amor de Deus, auxiliando a tarefa educativa que pertence à Família e ao Estado, e sempre buscando o engrandecimento da Pátria através da formação de melhores Portugueses.

«Nesse sentido ignorarei todos os motivos de divisão e enfraquecimento através de pequenos atritos pessoais, ou outros, que possam porventura ter existido. Entendo que não devemos perder tempo com isso, nem a averiguar das razões que a cada qual possam ter assistido ou dos motivos que impuseram determinadas atitudes.

«As consequências de tais desacertos é que estão demasiado à vista para que nos seja permitido ignorá-las e já nos basta que elas nos forcem a desperdiçar tempo, bem necessário para tarefas mais importantes.

«Por isso se compreenderá que a primeira limitação que terei de impor intransigentemente, a quantos queiram oferecer a sua generosa colaboração, seja a do abandono de ressentimentos e do intuito de trazer para o nosso seio motivos de divisão.

«Mas parece-me de tão evidente justiça este princípio e tão demonstrada indispensabilidade da sua observância, que não creio provável que ele venha a suscitar reparos de alguém ou a privar-nos da colaboração de úteis companheiros de trabalho.

«Penso, até, que assim as portas ficam mais abertas para todos os que se nos queiram juntar».

— Mas — insistimos — qual o programa de acção que entende indispensável adoptar?

— «É muito difícil num momento em que ainda desconheço quais os elementos de trabalho com que posso contar e não tive sequer possibilidade de medir quais os sectores que reclamam mais urgente atenção, vir já definir um seguro programa de actividade ou, mais ainda, de realizações.

«Por outro lado seria, pelo menos, pretencioso que ao cabo de mais de trinta anos de vida da Associação, eu me julgasse em posição de definir rumos quanto à orientação geral do Movimento.

«Não me seduz a pecha costumeira de desconhecer o esforço de quantos, antes de mim, tiveram em suas mãos os destinos do nosso Movimento; não aceito, portanto, a fácil afirmação de que *antes nada se fez* e de que *agora temos de fazer tudo.*

«Reconheço, com sinceridade, a modéstia da minha posição como continuador duma obra que conta tão largos anos e que deve prosseguir para além do dia em que me cumpra entregá-la a quem haja de me suceder.

«Prefiro reservar toda a minha capacidade crítica para a permanente e severa observação do meu próprio trabalho e dispensar-me, assim, de desbaratar energias na inútil e pouco justa atitude de diminuir a obra de quantos me precederam e que tiveram de actuar, tantas vezes, em presença de dificuldades que não podem sequer ser medidas pelos que não tiveram de as suportar.

«Por isso, quando me pede o *meu* programa de acção, apenas lhe devo dizer que tudo farei para continuar o trabalho dos meus antecessores, diligenciando regressar à pureza dos princípios de Baden-Powell, com o necessário respeito pelas nossas bem marcadas características nacionais, aconselhado pela experiência já vivida e imposto pela vontade de preparar escoteiros que, por não esquecerem o universalismo do

Movimento, devem acima de tudo—e como sempre—orgulhar-se de afirmar a sua qualidade de Portugueses.

«Posto este primeiro ponto do nosso rumo — e sabido que dois pontos bastam para definir uma direcção — apenas acrescentarei um outro: o desejo de aceitar o entusiasmo da gente nova (sempre generoso mesmo quando menos reverente) de forma a orientar essa maravilhosa energia e dedicação para realizarmos planos mais audaciosos e prepararmos novos dirigentes que possam assegurar a continuidade duma vida fecunda para os Escoteiros de Portugal.

«No respeito pela tradição e experiência dos *antigos* e na aceitação do entusiasmo e ardor dos *novos*, espero conseguir satisfazer a única ambição que me norteia: entregar um dia, noutras mãos, um facho mais vivo e luminoso do que me foi dado receber».

— E para isso — interrogámos nós — quais os planos mais imediatos?

— «Em primeiro lugar terei, nos termos dos Estatutos, de escolher a nova direcção da A. E. P. Não esqueça que o Presidente detém todo o poder mas não pode executar toda a acção; procurarei, portanto, escolher com o cuidado requerido os que serão meus mais directos colaboradores, mas porque não penso absorver todas as funções a cada um competirá, ainda que dentro dum conjunto harmónico, larga autonomia para orientar o seu sector de actividade do Movimento. Os primeiros tempos serão — e isso devo afirmá-lo claramente — mais de estudo do que de realizações; precisaremos de medir bem as possibilidades próprias e as realidades em que vivemos para nada arriscarmos em falso. Espero, porém, que essa fase de estudo não será de *paralisia* e devo dizer da minha maior preferência por uma observação cuidada, da qual tudo nascerá naturalmente, do que por uma agitação tumultuária que presumìvelmente terá a virtude de despertar ou satisfazer fáceis entusiasmos, mas que sempre se revela estéril quando se pretende, como é nosso caso, continuar obra destinada a perdurar.

«Neste quadro se há-de compreender que a nova Direcção terá a cumprir, de início, uma tarefa mais administrativa e de ordenamento do que de orientação e definição de directrizes. Assim terá de ser num momento em que não dispomos dum regulamento actualizado, de princípios definidos quanto à defesa da saúde e preparação física dos escoteiros, de manuais técnicos e de orgânica formativa de dirigentes, de normas de enquadramento dos antigos escoteiros, de conhecimentos exactos sobre a possibilidade e oportunidade da divulgação e propaganda dos objectivos do Movimento.

«Esse trabalho fundamental e inadiável, terá de ser entregue a outras tantas Comissões Técnicas formadas por elementos experientes e conhecedores, de que felizmente dispomos e que espero nos ofereçam o seu concurso dedicado; o vasto material de estudo que espero ser assim possível reunir, em prazo não muito dilatado, deverá ser então apreciado por uma Comissão Superior de Escotismo, que reúna os mais sólidos valores do nosso Movimento, e oferecer a base para o esforço de realização que haverá, então, de ser exigido não só aos Serviços Centrais como a todas as Regiões e Grupos de Escoteiros.

«Sinto que este plano a muitos se afigurará ambicioso e a outros demasiado lento para os anseios que dentro de si brotem; confesso a minha concordância com ambas as tendências que adivinho, mas, em verdade, depois de tudo bem medido não encontro outro caminho porque optar.

«E aqui tem porque entendo que este período de exaustiva apreciação dos problemas não será de forma alguma uma *paralisia* de acção.

«Se tivéssemos de concluir, ao cabo de tal labor, serem irrealizáveis as ambiciosas aspirações que nos

Continua na 4.ª página)

Marchemos a passo certo

Para que uma formatura se possa realizar com aprumo, elegância e ritmo, é necessário, indispensável mesmo, que o desfile se faça a *passo certo*, cadenciado. A passo desencontrado a marcha fatiga, é inestética, de aspecto detestável. Por isso, sempre que se efectua uma parada, é preocupação constante de quem nela toma parte, o acertar o passo. Para isso torna-se imprescindível que o tambor ou a voz de quem dirige marque bem os compassos, e que todos estejam atentos, disciplinados e cheios de boa vontade em caminhar segundo a cadência do tambor ou do comando. Se o tambor for roufenho, hesitante, confuso, desordenado, a marcha a *passo certo* será impossível. Mas se houver falta de atenção, de interesse, predominar a indisciplina, houver má vontade ou mesmo vontade débil, por mais esforços que o tamborileiro faça, para que a caixa vibre com harmonia, a desordem reinará nas fileiras.

O Movimento Escotista está de parabéns. Falamos com aquela franqueza e lealdade que sempre têm caracterizado as nossas atitudes, com espírito independente, sem lisonja, que não está nos nossos hábitos; e sem servilismo que sempre nos tem repugnado; mas é de justiça que afirmemos que os Escoteiros de Portugal têm hoje à sua frente um Dirigente com capacidade para empunhar com energia as baquetas que marcarão o ritmo do avanço do Escotismo Português a caminho do progresso associativo e ao serviço da juventude portuguesa.

Não fazemos estas declarações de ânimo leve, mas com a segurança de quem ajuíza em face da experiência, pelo conhecimento que temos das qualidades de trabalho e de carácter do novo Presidente da A. E. P., pelas provas que prestou nas actividades escotistas do passado, e pelas que tem prestado na sua vida oficial.

Fazemos estas afirmações porque achamos ser isso nosso dever e principalmente porque desejamos encarecer o facto de que chegou a hora de todos os escoteiros se unirem, e num esforço vigoroso e unísono, acertarem o passo pelo rufo do tambor que está prestes a dar o sinal de avançar. Chegou o momento de todos, velhos e novos, escoteiros e dirigentes, tomarem parte na jornada que se vai iniciar, levantando bem a cabeça, aprumados, confiantes e diligentes.

E porque não fazê-lo se sabemos que o Escotismo é um movimento de admirável valor educativo, que tem franca oportunidade de trabalhar em Portugal, onde pode prestar serviços inestimáveis na educação moral e social das gerações que despontam? O problema educativo é um assunto que se reveste, entre nós, portugueses, de premente urgência. É mister elevar o nível educativo do nosso povo e o Escotismo —disso todos estamos bem convencidos e não há opiniões dispares—pode e deve prestar contribuição de relevo para atingir tão elevado objectivo.

Portanto, tomar parte no esforço que vai ser feito para reorganizar e desenvolver a actividade escotista, não é meramente um dever para com o Movimento, mas um dever para com a Pátria, que todos desejamos cumprir.

Escoteiros, sentido! O tambor vai rufar! Rompamos todos em marcha firme, a *passo certo*, a bem do Escotismo, a bem da Nação.

Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama... nisso pensai.

S. Paulo (Filipenses, 4:8)

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

FRANÇA

«Scoutisme Français»—Segundo notícia a imprensa francesa o general Lafont acaba de resignar o cargo de Chefe Geral do *Scoutisme Français*, lugar que ocupava desde que foi criado este organismo federativo de todas as associações escotistas francesas.

Admite-se que o seu pedido de demissão esteja relacionado com a adesão dada pelo General Lafont à Comissão de Honra para a libertação de Pétain.

O Jamboree e o Cineastas — Segundo lemos no «Figaro» de Paris o *Scoutisme Français* apresentou três filmes sobre o «Jamboree» de Moisson. O primeiro foi realizado por amadores, mas os dois restantes têm bons méritos.

Um foi realizado por um ajudante de Roger Leenhardt e será projectado nos cinemas em curta metragem. É uma reportagem inteligente e perfeitamente executada.

O último foi feito por desejo dos Escoteiros e escolheu particularmente as danças folclóricas e as cenas da vida de campo. Este filme foi realizado sob a direcção de M. F. Bouteille. A fotografia é boa e o filme está feito com gosto e espírito.

HUNGRIA

Segundo notícia a imprensa Suíça, a Federação Nacional dos Escoteiros Húngaros acaba de abandonar a Comissão Internacional de Escotismo, tendo posto a circular uma carta aberta aduzindo considerações de natureza política, absolutamente alheias à natureza educativa do Escotismo, e que torna bem suspeita a decisão tomada por aquele organismo, a confirmarem-se as informações daquela imprensa.

SUÍÇA

Os escoteiros suíços vão efectuar de 26 de Julho a 4 de Agosto p. f. o seu 4.º acampamento nacional no esplêndido parque do Castelo de Trevano, em Lugano.

Tomarão parte no acampamento cerca de 9.000 escoteiros suíços, tendo sido convidados 250 escoteiros que representam 12 países, 80 escoteiros estrangeiros vítimas da guerra e 60 «éclaireurs malgré tout», (escoteiros apesar de tudo).

O orçamento do 4.º acampamento eleva-se a 450.000 francos e o *déficit* avaliado em 70.000 francos aproximadamente, espera-se que seja coberto por subvenções cantonais, comunais e donativos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

AS COMEMORAÇÕES DO 9 DE ABRIL

Em Lisboa

Em comemoração da batalha de *La Lis* e por iniciativa do Grupo n.º 85, que foi fundado na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, os grupos de Escoteiros do Núcleo de Lisboa reuniram-se no Domingo, dia 11 de Abril p. p., no mausoléu dos Combatentes no Alto de S. João, onde depuseram flores e guardaram um minuto de silêncio.

Após isto dirigiram-se em formatura para o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde prestaram iguais homenagens.

A L. C. G. G. fez-se representar nas cerimónias pelos Srs. Coronel Pestana de Vasconcelos e António Jorge de Carvalho.

Grupo n.º 93 — Sintra

Uma patrulha ciclista de escoteiros seniores deste Grupo, a exemplo do que já tinha sido feito em 1938 e 1940, partiu no dia 7 de Abril para a Batalha, transportando azeite da Região de Sintra para a «Chama da Pátria», em representação do Concelho de Sintra e do seu Grupo, para o que utilizou uma artística bilha em forma de chapéu de escoteiro.

Esta patrulha, que era constituída pelos escoteiros seniores António Augusto da Silva e Cunha, Miguel Raposo Bicho, Alexis Casulo e Abel Carlos Vieira da Ponte, no dia 9 tomou parte nas cerimónias que na Batalha se efectuaram com a presença de antigos combatentes e autoridades civis e militares.

Após as cerimónias a Patrulha dirigiu-se a Leiria, no dia 10 à Marinha Grande, onde visitou a Fábrica de Cristais Marquês de Pombal. O regresso foi feito pela Nazaré, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Óbidos, etc. Todo o percurso foi feito de bicicleta, tendo chegado a Sintra no dia 11 às 17 horas. A patrulha acampou durante as respectivas noites.

Esta romagem, que foi patrocinada pela Câmara Municipal de Sintra e teve a colaboração de fabricantes de doces regionais, tendo sido feita larga distribuição de amostras, é o início de uma nova fase de trabalho do Grupo 93, cujo programa está a ser elaborado.

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

Doentes — Chega-nos a notícia de se encontrar muito doente o nosso estimado assinante Sr. Vítor de Sousa Dias, escoteiro do Grupo 85, por cujo restabelecimento fazemos votos.

● Também o nosso estimado amigo Sr. João Henriques Soares, Chefe do Grupo 93, esteve bastante doente, mas já se encontra convalescente, pelo que lhe desejamos completo restabelecimento.

O Escotismo na Capital

Acampamento da Primavera

Por iniciativa do Grupo 5, que enviou convite aos restantes Grupos do Núcleo de Lisboa, realizou-se nos dias 1, 2 e 3 de Maio um acampamento na Mata do Alfeite.

O mau tempo prejudicou as actividades de domingo, pelo que os Grupos se limitaram a secar as roupas e equipamentos, construindo toldos e reforçando as suas precauções para a chuva.

Na segunda-feira, o dia nasceu prometedor, pelo que ainda o Sol não tinha nascido e já a azáfama era grande no acampamento e todos procuravam recuperar o tempo perdido com a chuva.

De manhã, procedeu-se ao içar da bandeira nacional e o escoteiro Diamantino Fialho Fernandes fez uma palestra sobre o significado da data que se comemorava (3 de Maio).

O Chefe do Grupo 8, da Póvoa de Santa Iria, Sr. Aires Dinis, usou da palavra para agradecer o convite feito ao seu Grupo para tomar parte no acampamento, referiu-se às dificuldades que o «8» encontra na sua fase de organização e manifestou o desejo de corresponder à confiança que nele depositam.

O Chefe do Grupo 53, Sr. Armando Lino, manifestou a sua satisfação pela forma como o acampamento estava decorrendo, dizendo ser de desejar que se repitam mais acampamentos deste género.

E, após isto, as actividades sucederam-se no meio de entusiasmo, às 19 horas foi arreada a bandeira nacional e os Grupos retiraram desfilando até Cacilhas, entoando canções escotistas.

Tomaram parte nesta actividade os Grupos 2, 5, 8, 53, 79, 85 e 99, num total de 84 escoteiros.

• • o • •

IMPRENSA

MUNDO DESPORTIVO

O tri-semanário «*Mundo Desportivo*», que à causa da educação física dedica uma acção notável, entrou em Abril p. p. no 4.º ano de publicação, data que comemorou com um interessante número especial.

Na pessoa do seu Director, o Sr. Raul de Oliveira, felicitamos todo o corpo redactorial do «*Mundo Desportivo*», ao qual desejamos o maior progresso.

O ARAUTO

Este nosso prezado colega, órgão de cultura religiosa dos jovens baptistas, entrou, com o n.º 6, de Abril p. p., no seu 2.º ano de existência. Por tal motivo lhe enviamos as nossas saudações amigas, com os votos sinceros de que o «*Arauto*» alcance no 2.º ano de publicação o maior êxito.

UMA ENTREVISTA

(Continuação da 3.ª página)

animam lucrar-se-ia, pelo menos, o conhecimento da experiência realizada e seria o momento de se pensar honestamente na incapacidade do Movimento, entre nós, ou de confiar a sua orientação a outros que conhecessem a fórmula de, sem aquela base, poder seguir para diante.

«Mas confio serenamente — porque acredito nos princípios educativos do Escotismo e conheço as suas reservas potenciais — que seremos capazes de resolver por nós os nossos próprios problemas e de caminhar para horizontes mais vastos do que aqueles que nos habituámos a contemplar.

«Para concluir, afirmar-lhe-ei que uma vez encetada a marcha — em bom passo de escoteiro — não estou disposto a desanimar antes do sinal de *fim de pista* e só lamentarei se alguns não tiverem a resistência suficiente para aguentar o ritmo da jornada e desanimarem pelo caminho.

«Com a ajuda de Deus espero que seremos muitos os que havemos de chegar ao fim».

E, terminada a entrevista, retiramo-nos agradecendo ao Sr. Engenheiro Jardim a maneira gentil como nos recebeu e a clara exposição dos seus imediatos propósitos na direcção da A. E. P., desejando o maior sucesso aos seus louváveis objectivos.

E. R.

Dia do Escoteiro

No dia 23 de Abril findo, o Grupo n.º 53 não querendo deixar passar essa data sem a devida comemoração, convidou os Grupos da Capital a reunirem na sua sede onde se realizou uma festa.

O Chefe daquele Grupo, o nosso camarada Armando Lino, fez uma palestra sobre S. Jorge, tendo feito um relato da respectiva lenda, e evocado os ensinamentos que a mesma sugere.

Durante a sessão foi entregue à equipa de ténis de mesa do Grupo 99 a taça ganha num torneio realizado por ocasião do aniversário do 53, e outro tanto acontecendo à equipa de voleibol do 53 que venceu o respectivo torneio disputado na mesma ocasião.

Oferecido pelo Grupo n.º 6, foi igualmente entregue à Patrulha Jaguar do 53 um artístico galhardete, como lembrança do Concurso Técnico por correspondência, realizado entre estes dois grupos, no qual a referida patrulha se classificou em 3.º lugar, sendo a primeira do 53.

A festa terminou com canções pelos diversos grupos, depois de terem prestado Compromisso de Honra 3 novos escoteiros do Grupo promotor da festa.

• • o • •

VAIS ACAMPAR?

Não te esqueças:

Que não deves acampar em terreno privado sem prévia autorização do proprietário ou seu representante.

Que deves ter o maior cuidado em respeitar as culturas, não as molestando ou prejudicando de qualquer maneira.

Que não deves fazer fogo próximo das árvores, o que muito as prejudicaria.

Que a tua B. A. desse dia deve ser feita na propriedade que te acolheu e em seu próprio benefício. Limpar um caminho, reparar um muro de pedra solta, consertar uma vedação, limpar um tanque, etc.

Que não deves deixar dejectos a descoberto ou mesmo lixo.

Que o local do teu acampamento deve ficar de tal forma arrumado que ninguém ali possa ver vestígios da tua estadia.

Que a humidade é a maior inimiga das noites debaixo da tenda e, portanto, deves ir prevenido com o pano isolador.

Que deves rejeitar toda a água suspeita. Só a beberás bem fervida ou bem purificada.

Que deves deixar saudades aos vizinhos do acampamento e não tornar-te indesejável.

CASAMENTOS

No passado dia 24 de Abril, realizou-se o auspicioso enlace matrimonial do nosso irmão-escoteiro, e dedicado Administrador do «*Sempre Pronto*», Capitolino Ferreira Macedo, com a Sr.ª D. Maria Manuela dos Santos Filipe, filha do Sr. Francisco Filipe e da Sr.ª D. Emília dos Santos Filipe.

Após o acto civil, efectuou-se na primeira Igreja Presbiteriana de Lisboa, a cerimónia religiosa, em que foi oficiante o Rev. Rosa Baptista, Presidente da Direcção do Grupo 94 dos Escoteiros de Portugal de que o noivo é Chefe, que fez uma interessante prédica sobre o matrimónio cristão.

Por parte da noiva o acto civil foi apadrinhado pelo Sr. João Marques, industrial, e por sua esposa, Sr.ª D. Piedade Marques; e por parte do noivo pelo Sr. Hermenegildo



Horácio Ribeiro e por sua esposa, Sr.ª D. Cândida Correia Ribeiro.

Após a cerimónia religiosa, na sede da União Cristã da Mocidade Feminina foi servida um fino «Copo de Água», durante o qual se trocaram afectuosos brindes e os escoteiros do «94» animaram a festa com os seus característicos bravos.

Os noivos seguiram para o Norte em viagem de núpcias.

Todos que trabalham no «*Sempre Pronto*» desejam as maiores felicidades e venturas aos noivos, cuja fotografia temos a honra de publicar.

No mesmo dia efectuou-se o casamento da Sr.ª D. Georgette Gonçalves Constantino, gentil filha do Sr. Alberto Constantino, gerente da Ottiosgráfica, L.da, e da Sr.ª D. Hermínia Gonçalves Constantino, com o Sr. Jorge Vicente, antigo escoteiro, e irmão do nosso estimado assinante Sr. Fernando Vicente.

Após o *copo de água*, que se realizou em casa dos padrinhos da noiva, Sr. Rev. Joaquim Rosa Baptista e sua esposa, Sr.ª D. Antonieta Baptista, os noivos seguiram para o Algarve, fixando residência em Olhão onde o noivo é comerciante.

O «*Sempre Pronto*» deseja as maiores felicidades aos noivos.

• • o • •

IMPRENSA ESCOTISTA

THE CALP SCOUT

Comunica-nos o Editor deste nosso prezado colega de Gibraltar que, por dificuldades financeiras, se vê forçado a suspender a publicação.

Lamentamos bastante e fazemos os melhores votos de que em breve os nossos irmãos-escoteiros da vizinha possessão britânica possam de novo publicar o seu órgão.

Concurso de 1947

Prémios Individuais

Nomes dos concorrentes que acertaram com todas as soluções e prémios, que, respectivamente, lhes couberam no sorteio:

Manuel Álvaro Rodrigues Bolas — Prémio «Vieira Campos»—Um saco alpino.

António Esteves Baptista—Prémio «Casa Peyroteo»—Uma estatueta.

Manuel dos Santos Valério — Prémio «Antero Lopes»—Uma faca de mato.

José Nunes Chicharo — Prémio «Antero Lopes»—Uma faca de mato.

Fernando Pombo Salvado Esteves — Prémio «Vitorino de Sousa»—Um cantil.

Armando Messias Godinho — Prémio «Papelaria da Moda»—1 faca de papel e 1 marcador de livros.

António Luís Simões—Prémio «Editorial Minerva»—1 Guia de Campismo.

José Aníbal Franco Horta—Idem.

José Manuel Baptista Oliveira—Idem.

Rui Barata Monteiro—Idem

José Fernando Lopes Costa—Idem.

Júlio Maria Reis—Prémio «Livraria Bertrand»—Uma Família Inglesa.

Manuel Ferreira Valério—Prémio «Pimentel & Casquilho»—1 bússola.

Maria do Carmo B. Oliveira, Alberto Rodrigues Horta, Manuel Duarte de Almeida, Eugénio do Carmo Baptista, Manuel de Sousa Folgado, Luís Máximo de Oliveira, Grupo n.º 84, Aníbal Rodrigues Horta, Joaquim Rosa, Fernando Vieira Vergamota, Serafim Rodrigues Bertelo, José Morgado Oliveira, José Rodrigues Dias Conde, José António Caldeira, Joaquim Morgado Gameiro, João Rabaça Rodrigues Horta, José Duarte Pimenta e João Luís Calado—1 calendário escotista a cada.

Prémios Colectivos

Grupo n.º 84—Prémio «Casa Stadium»—1 bola de voleibol.

Os prémios «Spril», «Casa do Desporto», «Casa Sena» e «Fernando Pesca», não foram atribuídos.

• • o • •

O «SEMPRE PRONTO» e os seus leitores

As palavras de apreço que os nossos assinantes e amigos nos endereçam, constituem para nós uma grata recompensa do esforço que empregamos para manter a publicação do «*Sempre Pronto*».

É pois com muita satisfação que criamos esta Secção onde regularmente registaremos as palavras de aplauso dos nossos amigos e camaradas e que servirá para dar a conhecer a simpatia que o «*Sempre Pronto*» tem a honra de merecer aos seus leitores.

Eis um trecho de uma carta do nosso irmão-escoteiro Custódio António Quintas, do Grupo 6 de Olhão, que, por doença, se encontra ausente desta localidade:

Não podendo participar nas actividades escotistas é o «Sempre Pronto» *por mim esperado com ansiedade, desejoso de saber notícias do escotismo.*

Desejando longa vida ao «Sempre Pronto» *para bem do Escotismo, saúda todos os camaradas que nele trabalham o*

«*Sempre Pronto*»

a) CUSTÓDIO ANTÓNIO QUINTAS

Sinceramente agradecemos as palavras deste nosso camarada, a quem desejamos um rápido restabelecimento.

O «SEMPRE PRONTO»
VENDE-SE EM LISBOA
Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.

OS NOSSOS CONTOS

O Rei da Selva

O jovem rei da selva permanecia majestosamente agachado por detrás dos grossos e fortes varões da sua jaula.

Durante os três primeiros dias da sua clausura, no grande Zoológico, nem quis provar um pouco de comida; e, muitíssimo inquieto e quase a ponto de enlouquecer, com o corpo esplêndido e formoso dava voltas sem parar um instante, em redor dos dezasseis metros quadrados que, de ora em diante, constituiriam todo o seu espaço vital. Por fim, a meio do quarto dia, tinha-se dignado descansar, e lançar o verde, claro e depreciativo olhar, por tudo que o rodeava. Primeiramente pousou-o na multidão, na sua maioria crianças, criadas e soldados, que em frente dele se apinhavam, enchendo-lhe os reais ouvidos de gritos estridentes e desagradáveis.

Alguns garotinhos tentavam imitar os seus rugidos: Grruum... grruum...! faziam; e isto pô-lo, ao jovem monarca, tão intimamente nervoso, que decidiu lançar a límpida esmeralda dos seus olhos sobre outra coisa de maior interesse, e, desta vez, foi pousá-la na jaula dos macacos que mesmo em frente dele, o olhavam, trocistas, sem sombra de respeito. Bah!... Um sorriso irónirico, pareceu enrugar os beiços húmidos e palpitantes do jovem rei da selva. Bah!... Os macacos! Os súbditos mais desavergonhados!...

E foi nesse mesmo instante, ao franzir, desdenhoso, o nariz, que lhe chegou um aroma muito agradável e conhecido, até então despercebido, mas que misturado com outros bem mais estranhos, perdia muito do seu natural encanto. Não obstante, voltou lentamente o belo olhar para a jaula da esquerda, donde lhe chegava o cheiro mais forte e carregado de doces recordações, e ali se encontrou com outras pupilas, que, semelhantes às dele, verdes, claras, quais duas límpidas esmeraldas, tranquila e profundamente já há algum tempo o contemplavam. Por um instante, o jovem rei da selva, retesou todos os músculos, disposto a pôr-se em pé, ágil e graciosamente; por um instante, o brilho dos seus olhos teve cintilações de ternura; mas sòmente por um instante. Voltou a deixar o seu corpo em majestosa quietação, e os seus olhos tornaram a encher-se de fria indiferença. Bah!... Desta vez, os negros beiços do jovem rei da selva enrugaram-se num gesto de amargura.

Bah!... Uma leoa, sim; jovem e formosa nas suas selvas, mas não ali. Uma rainha sem sombra de elasticidade ou graça e com as patas enfraquecidas e deformadas pelo reumatismo. Bah!... E o jovem monarca pousou agora profunda e insistentemente o verde e sereno olhar nas copas das árvores centenárias do parque, que o vento ondulava suavemente. E então, um surdo rugido começou a fazer tremer a sua garganta; um rugido potente que se foi elevando, elevando; um rugido feroz nascido das profundezas do seu real e cativo coração.

Os meninos escondiam as cabecitas nos aventais das criadas. Que medo! Não queriam ver aquelas horríveis fauces atapetadas de vermelho, mas elas riam como umas tontas. Está furioso! Ui que risos! Olhem que furioso ele está! E assim era com efeito. O pobre jovem rei da selva andava dum lado para o outro na sua jaula; rugindo e atroando o ar. O ar sim; o ar fétido, o ar sujo; um tremendo rugido, e outro, e outro... O ar que nem esse nome merecia, porque era um ar entre grades, porque era um ar preso.

E quando no bocadito de céu do grande Zoológico, começaram a aparecer as primeiras estrelas, ainda o jovem rei da selva continuava rugindo e atroando o ar. E aquela sua quarta noite de clausura no grande Zoológico, foi a sua pior noite; e só na manhã do quinto dia se tranquilizou um pouco, porque veio menos gente molestá-lo, já que nuvens negras e ameaçadoras assomavam o horizonte de aspecto feio e carregado.

Ao começo da tarde, aproximaram-se da sua jaula dois jovens que vinham do picadeiro. Ela não tinha nada de extraordinário, excepto uns belos olhos azuis, e umas tranças ruivas que quase lhe chegavam aos joelhos; ah! e um bom coração!— Pobrezinho, pobrezinho... — dizia olhando o jovem rei da selva que a fitava com os olhos verdes carregados de ódio. — Havia pouco tempo que o tinham trazido; crês tu que se recordará das suas selvas? —E o jovem, que excepto uma leve chibatinha com que fustigava as brilhantes—ah! e elegantes!—botas de montar, não tinha nada de extraordinário, contestou-lhe: — Não digas loucuras, Mabel! Como queres que um animal se recorde das suas selvas, ou de qualquer outra coisa? Anda vamos!...—e pegando-lhe gentilmente na mão levou-a pelas avenidas cobertas de areia.

E, pouco depois, começou a grande tormenta que não deixou nem uma chaminé nos telhados, nem uma árvore raquítica nos passeios; a grande tormenta que se deleitou durante uma tarde e uma noite em lançar o estrondo dos trovões, e as cataratas da sua chuva sobre a cidade até deixar a parte baixa inundada. Aquela grande tempestade, manteve atemorizadas todas as pessoas, dentro das suas casas, e encolhidos ao fundo das jaulas os animaizinhos do grande Zoo, exceptuando o jovem rei da selva, que rugindo aos trovões, ao vento e à chuva, cheio de selvagens estremecimentos a sua dourada pele, parecia querer unir-se à canção de liberdade que lhe chegava até aos ouvidos, até ao olfacto, que o penetrava pelos olhos e o fazia enlouquecer de selvagem nostalgia. A canção da liberdade, entoada pelos elementos desencadeados, aos que não havia força no mundo capaz de torcer.

Rugia, rugia, as fauces cheias de sangue, tentando quebrar com os poderosos dentes, os varões que o separavam do que em seu enlouquecido cérebro imaginava o seu mundo de selvas vastas e sombrias. Cada rajada de vento carregada de chuva, cheia de aroma da terra, as árvores e as plantas húmidas, enchiam o coração da pobre fera duns tão intensos desejos de liberdade, dumas tão grandes recordações doutras tempestades passadas e que chegavam ao fundo da sua fraca jazida, mas sentido correr o sangue livre, livre, pela rede das suas profundas veias; quando, chegada a madrugada daquela noite, já os trovões começavam a rolar distantes uns dos outros, partia-se-lhe de angústia o pobre coração; e contemplando as altas copas das árvores centenárias do parque, dobradas pelo vendaval, apagaram-se as verdes, claras, maravilhosas esmeraldas dos olhos do jovem rei da selva.

À grande tormenta daquela noite, seguiu-se uma ridente manhã de sol, cheia de paz, e povoada pelos trinados dos pássaros, que desciam em alegres bandos a beber nos grandes e límpidos charcos, que a chuva formara sobre a terra toda molhada e lavadinha; grandes bandos de pássaros, perseguindo-se com alegres chilreados, sem parecer dar muita importância aos potentes e longos rugidos, com que desta vez a leoa atroava o estreito recinto do «grande Zoo».

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

A Astronomia na orientação

(Conclusão)

Orientação pela Lua

A Lua pode ser usada como referência para nos indicar os pontos cardiais.

Antes de apresentarmos o processo que se usa para isso, queremos descrever, ainda que sucintamente, as causas das fases da Lua, as quais nos auxiliarão muito a compreender este meio de orientação.

* * *

A Lua tem três movimentos distintos: o de *rotação* sobre o seu eixo, que dura 27 dias, 7h, 43m e 11s; o da *translação em volta da Terra* no mesmo lapso de tempo, e que se chama *revolução sideral;* e o de *translação em torno do Sol* que se executa em 365 dias aproximadamente.

As fases da Lua têm a sua origem no movimento de translação em volta da Terra. Como a Lua em relação à Terra e ao Sol vai tomando novas posições sucessivas no espaço, apresenta-nos umas vezes todo o seu hemisfério iluminado pelo Sol, ou no-lo encobre ou nos mostra só em parte.

Desta maneira, quando a Lua e o Sol se encontram em conjunção, isto é, quando percorre o espaço que medeia entre a Terra e o Sol, tem voltada para nós a sua face obscurecida e, portanto, é-nos invisível. É a fase da lua nova.

No entanto, como em relação a um ponto da Terra, a posição do Sol só é modificada pelos movimentos do planeta, a Lua vai a pouco e pouco desviando-se da direcção do Sol, em virtude do movimento de translação do nosso satélite em volta da Terra, e apresenta-nos uma nesga do hemisfério que tem voltado para nós iluminado. Essa nesga irá aumentando gradualmente. Ao cabo de 7 dias aproximamente (e neste caso diz-se que a Lua tem 7 dias de idade) mostrar-nos-á metade do hemisfério iluminada—é o quarto crescente.

A lua cheia aparecerá cerca do 15.º dia depois da lua nova, isto é, quando a Lua estiver em oposição ao Sol, aparecendo no horizonte pouco depois de o Sol se pôr. A nossa satélite estará então no máximo esplendor, mostrando-nos a sua face completamente iluminada.

O quarto minguante virá cerca de 7 dias depois da lua cheia. Ao fim de 29 dias 12h, 44m e 3s exactamente, será novamente lua nova. Este período, que se chama *lunação,* não corresponde à *revolução sideral* (tempo que a Lua demorará a percorrer completamente a sua órbita, como acima observámos), em virtude de a Terra ocupar um novo ponto no espaço em relação ao Sol.

* * *

Depois do que acima dissemos, podemos concluir que a Lua tem as suas fases consoante o tempo de atraso com o Sol. Assim a lua nova nasce simultâneamente com o Sol, cerca das 6 horas da manhã. No quarto crescente (isto é, quando se apresenta como um semi-círculo cujas pontas estão viradas para nascente), nasce com 6 horas de atraso; na lua cheia, com 12 horas de atraso e no quarto minguante (semi-círculo com as pontas voltadas para poente), com dezoito horas de atraso do nascer Sol, ou melhor dizendo, 6 horas antes deste nascer.

Sabendo-se estes factos, basta conhecer a hora aproximada e consultar o mapa anexo, para se fazer um juízo mais ou menos certo do ponto cardial que a Lua indica no espaço, se estiver visível.

Horas solares	Posição da Lua			
	Lua Nova	Quarto crescente	Lua Cheia	Quarto minguante
3	—	—	S O	S E
6	E	—	O	S
9	S E	—	—	S O
12	S	E	—	O
15	S O	S E	—	—
18	O	S	E	—
21	—	S O	S E	—
24	—	O	S	E

O traço (—) indica que a Lua está invisível. O nascimento da Lua é sempre a este; quando indica o sul, encontra-se no zénite e tem o seu ocaso a oeste.

Bibliografia: «*O Sistema Solar*» de Eugénio C. Silva; «*Guia do Escoteiro*» de Velho Lobo; «*Guia do Campista*» de Chaves Mendes; «*Manual de Escoteiro*» de Baden-Powell; Revista «*Jamboree*».

A Cozinha do Acampamento

(Conclusão)

Recomendações finais

Uma revista belga que temos presente, começa os seus conselhos sobre os processos de preparar a fogueira do acampamento, com a seguinte advertência: «*Constrói a tua fogueira como se ela fora uma obra de arte*». Realmente assim é. Estes cuidados não devem ser observados só na parte que diz respeito às fogueiras, mas têm de ser extensivos a toda a cozinha.

O pessoal que compõe esta secção do acampamento, deve dedicar-lhe toda a sua atenção, todo o seu carinho e habilidade.

O cozinheiro não pode descurar a boa apresentação e a higiene da cozinha. O fogueiro tem à sua conta o trabalho de preparar o combustível e a fogueira, para que as refeições sejam bem cozinhadas e servidas a horas convenientes. Tem ainda que conhecer as características do modelo de fogueira e da lenha que deve usar, a fim detirar deles o maior rendimento possível.

Ainda no último «Jamboree», tivemos ocasião de observar várias cozinhas construídas por algumas delegações que eram verdadeiras obras-primas de imaginação e de engenho escotista.

Na próxima época de acampamentos, os escoteiros portugueses terão o ensejo de empregar toda a sua arte na apresentação e eficiência das cozinhas das suas patrulhas ou grupos. Convém já começar a estudar estes trabalhos, para que possam ser executados, de forma satisfatória na altura precisa. Para esta finalidade ser atingida, os bivaques podem servir de campo de exercício.

JOEL RIBEIRO

Bibliografia: Revista escotista «*Au Plein Air*», «*Guia do Escoteiro*» de Velho Lobo; «*Manual do Escoteiro*» de Baden-Powell; «*Guia do Campista*» de Chaves Mendes.

COISAS DO NORTE

DIA DO ESCOTEIRO

Os Grupos da Região Norte n.os 4, 15, 44 e 91, sob o comando do Chefe Regional, Sr. Amadeu Cândido Braga, tomaram parte, na sessão comemorativa do Dia de S. Jorge, que a Junta Regional do Porto do Corpo Nacional de Escutas, promoveu nos jardins do Paço Episcopal da cidade do Porto, durante a qual tomaram posse os novos dirigentes regionais do C. N. E., Srs. Dr. José Marques de Carvalho, Chefe Regional, Rev. Manuel Gomes de Almeida, secretário; Manuel Fernandes Cardoso, Chefe Adjunto e Manuel Pinto de Sousa, Secretário Adjunto.

Intercâmbio por correspondência

O escoteiro norueguês **Olave Andr. Dovland,** de 14 anos de idade, residente em **Evje i Setesdal, an Kristiansand S., Noruega,** tem muito interesse em se corresponder com um Guia de patrulha ou um escoteiro português. Na impossibilidade da correspondência ser feita na sua língua, pode ser utilizada a língua inglesa.

Esperamos que o apelo deste nosso irmão-escoteiro não deixará de ser correspondido e gostaríamos de ter conhecimento do nome do escoteiro que lhe escreva.

Também o escoteiro espanhol José M. Palau, de 16 anos, residente em Barcelona, deseja trocar correspondência com um escoteiro português. Os interessados deverão dirigir-se à nossa Redacção onde lhes será indicada a sua residência.

PALESTRAS COM UM GUIA

IV

DIVISÃO DO TRABALHO

Como te dizia ontem, não podes acumular sobre ti, ou sobre outro, demasiado trabalho, porque, tal medida, redundaria em prejuízo da boa marcha da Patrulha. Necessàriamente há que recorrer a uma inteligente divisão do trabalho entre todos. Ela tem, além disso, a vantagem de interessar a todos de um modo directo e activo no funcionamento da Patrulha, posto que cada um é responsável ante o seu Guia e os seus companheiros daquilo de que foi encarregado. E assim se cumpre um dos postulados mais importantes do Escotismo: o desenvolvimento do carácter por meio da responsabilidade.

Determina cuidadosamente que funções são necessárias na Patrulha, e encarrega do seu desempenho ao mais capaz de as conduzir por bom caminho. Não existem regras fixas na divisão do trabalho, porque as necessidades de todas as patrulhas não são idênticas, porém, como ideia e àparte a sua própria experiência como escoteiro, verás como o temos resolvido na minha Patrulha.

O Guia era o Grande Sachem, cargo que, fiscalizando todos, não desempenha nenhum concretamente, posto que a direcção da Patrulha, manejar o dinheiro, escriturar o Livro da Patrulha, etc., lhe dava trabalho suficiente.

O melhor e o mais inspirado literato de todos era designado o Sachem da Pluma. As suas funções são as de um secretário; atendia a correspondência, a contabilidade, e encarregava-se de fazer a resenha no Grande Livro da Chacal de todas as actividades da Patrulha, assim como de compilar dados, fotografias, etc., de interesse. O Grande Livro, bem redigido e ilustrado, é um documento interessantíssimo que não deve faltar a nenhuma Patrulha.

Um diplomado era o Sachem da Medicina, e a seu cargo directo estava a ambulância e o cuidado dos seus companheiros.

O Sachem do Material cuidava de quanto, neste aspecto, tinha a Patrulha. Num caderno estava tudo relacionado, e ele se encarregava de que sempre estivesse em condições de ser usado.

Sachem Corredor de Bosque foi nomeado aquele que melhor conhecia os caminhos e campos onde se realizavam as nossas actividades normalmente. A ele correspondia o propor excursões e facilitar os dados necessários para a sua acertada execução. Com tal objectivo, tinha uma ficha de cada lugar interessante, com todos os dados úteis. Além disso, possuia uma bicicleta própria, que levava nas excursões, na previsão de serviços de urgência.

Também tínhamos um Sachem Acampador, que trabalhava em ligação com o Corredor do Bosque, para determinar as condições técnicas dos locais onde se instalavam os acampamentos, planeava a sua realização, e dirigia a instalação no campo.

Havia um Sachem Cozinheiro e outros dos Víveres e da Água. Ambos, bem compenetrados, cuidavam dos estômagos da Patrulha, quando a comida se fazia colectivamente. Um abastecia do necessário e o outro atendia à cozinha.

E por último tínhamos o Sachem do Fogo, um elemento essencialíssimo, capaz — se vale para o cargo — de conseguir ele só a metade do êxito da Patrulha. As suas actividades são pràticamente ilimitadas. Ele organiza o Fogo de Conselho, as intervenções da Patrulha nos festivais do Grupo, um coro, uma orquestra, uma festa, para arrecadar fundos, uma distribuição de brinquedos aos meninos pobres, uma dança índia ou um torneio de cavaleiros, e mil coisas mais. Por ele a Patrulha vive num esforço contínuo e em constante actividade. Na minha Patrulha tinha este cargo o Sub-guia. Era um rapaz aragonês que valia um tesouro: pintava, desenhava, talhava madeira ou osso, moldava argila, sabia cantar, tocar harmónica, contar estranhos contos e anedotas, tanger um raro instrumento de uma só corda que ele mesmo fabricou, e não sei quantas coisas mais. Todas as canções da Patrulha foram invenção sua, e nada deu mais vida ao nosso Totem que o Sachem do Fogo dos Chacais.

Desta maneira tínhamos distribuído o trabalho. Os cargos diversos eram designados com o nome de «Sachem» porque em nossa vida escotista seguimos o Grande Jogo do Indianismo. Quando se segue o da Cavalaria, os cargos se denominam «Mestre do Material» ou «Grão Mestre». Para o caso é igual, porque o importante é o funcionamento.

Porém o tempo transcorre e a Lua está já mui alta. Que o abrigo e repouso que nos oferecem as tendas, não nos falte nunca.

ENRIQUE GENOVÉS
OLHO DE LINCE

N. da R.—A interessante série de artigos que o «Sempre Pronto» vem publicando sob o título de «Palestras com um Guia», e que tem merecido justo apreço dos nossos leitores, é da autoria do nosso querido irmão-escoteiro espanhol Enrique Genovés, de Madrid, que gentilmente colabora no nosso jornal, satisfazendo assim o seu desejo de cooperar na Obra escotista, o que lhe proporciona muita alegria e a nós muito nos honra.

CAMPISMO

Congressos Internacionais de Campismo

Ao IX Congresso Internacional de Campismo que reúne este ano em Londres, devem estar presentes dois ou três dirigentes campistas portugueses. Este Congresso será presidido por uma comissão de honra composta pela Marquesa de Ailesbury, Wilfrid Andrews, Lady Baden-Powell, J. A. C. Champion, Lorde Hacking, Duque de Monterose, Lorde Mountevans, Rt. Hon, P. J. Noel Baker, Lorde Rowallan, Escoteiro-Chefe Geral do Império Britânico; e dos embaixadores da Bélgica, França, Itália, Holanda e do Ministro da Suíça.

No entanto, a grande representação de Portugal nestas reuniões, está reservada para o X Congresso que a França organiza em 1949.

Diversos agrupamentos já iniciaram os preparativos para tão bela jornada, contando-se já em algumas dezenas o número de interessados, para os quais estão reservadas grandes facilidades de deslocação. Entre estes agrupamentos, contam-se: os Núcleos Campistas «Os Caracóis» e «Os Montanheses», o Clube de Campismo de Lisboa e as Secções do Grupo Estrela e do Clube Oriental de Lisboa.

O II Congresso Campista e o I Acampamento Nacional

Devido ao pouco tempo que vai da realização destas importantes actividades à composição tipográfica do «*Sempre Pronto*», vimo-nos forçados a guardar para o próximo número as reportagens de Lisboa e Caldas da Rainha, onde, respectivamente, reuniu o Congresso e realizou o Acampamento

Pedimos desculpa aos nossos leitores e prometemos descrevê-los com o merecido realce.

CARLOS FERNANDO GARCIA

★ ● ★

DELEGAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

O nosso estimado amigo e dedicado delegado em Moçambique, Sr. Alberto Borges de Mendonça, transferiu a sua residência de Luabo para a cidade da Beira, em virtude de ter sido admitido como funcionário da Companhia de Moçambique.

Pedimos a todos os nossos assinantes daquela província ultramarina o favor de tomarem nota do seu actual endereço:

Caixa Postal n.º 53

BEIRA

e agradecemos que se lhe dirijam sempre que tiverem de pagar as suas assinaturas ou tratar de algum assunto referente ao nosso jornal.

• • o • •

GRUPO N.º 99

Exposição de Fotografias

Na sede do Grupo 99, na Rua do Possolo, n.º 5 a 9, inaugurou-se no dia 9 de Maio corrente a Exposição de Fotografias Escotistas que, por iniciativa do Grupo 5, anda a percorrer as sedes dos diversos grupos de escoteiros.

A Exposição encerra no dia 16 do corrente.

O mesmo acontece com sua esposa, Sr.ª D. Loreto Azpeitia, também antiga Escoteira, que vem publicando alguns interessantes contos no nosso jornal.

A ambos o «Sempre Pronto» saúda e agradece a sua colaboração.

Aventuras e desventuras de três portugueses em França

Saint Michel, uma ilha de sonho, sonho de três portugueses — Uma cidade pouco hospitaleira — As belezas da Bretanha — Como em plenos campos da Bretanha, três escoteiros portugueses fazem justiça às qualidades da gastronomia em Portugal.

Num dos últimos dias de Agosto passado, alguém que se encontrasse, ao anoitecer, na estação de Montparnasse em Paris, podia observar três escoteiros portugueses, ajoujados debaixo do peso esmagador das suas bagagens, dirigindo-se ràpidamente à gare e entrarem num dos comboios em cuja placa se podia ler a palavra «Granville». Realmente, os três escoteiros dirigiram-se aquela cidade do norte da França.

Depressa se instalaram numa das carruagens e, tendo chegado a hora, o comboio silvando estridentemente, deixou a estação e embrenhou-se na escuridão da noite.

A atenção dos viajantes estava pois circunscrita às pequenas dimensões do compartimento, e, sendo assim, não foi admiração ver-se os viajantes a cabecear daí a pouco tempo. Porém, os solavancos da carruagem não deixavam Morfeu triunfar e chegou-se a Granville sem que os passageiros conseguissem passar daquele estado de semi-adormecidos.

Não eram ainda 5 horas da manhã e os nossos heróis achavam-se em Granville sem saber o que deviam fazer àquela hora matutina; procurar hotel não valia a pena, portanto decidiram aguardar a manhã no «hall» da estação. E assim fizeram. No entanto, o frio cortante daquelas paragens nortenhas, vinha fazer sentir os seus efeitos aos três viajantes. O escoteiro sorri às dificuldades e, dentro em pouco, era vê-los embrulhados em fortes cobertores, dormindo tranquilamente num dos bancos da estação.

Chegou por fim a manhã. Os recém-vindos a Granville embrulharam novamente os cobertores e ei-los prontos a prosseguir na senda encetada.

Julgamos ser oportuno dizer que o verdadeiro destino dos viajantes não era a pequena cidade de Granville, mas sim o célebre Monte de Saint-Michel, essa pequena montanha, que o mar, caprichosamente, não quis cobrir e cujo ameníssimo panorama e a doçura do clima atrai, dia a dia, inúmeros forasteiros, que o tornam um dos centros turísticos mais concorridos da velha Gália.

Era pois este o ponto de destino dos três portugueses. Dentro em pouco, lá iam eles a caminho do autocarro, arrastando penosamente a sua bagagem. Parecia, contudo, que o caminho não se compadecia dos três pobres caminhantes. Comprazia-se em desdobrar-se indefinidamente. Agora era uma esquina a dobrar, depois uma rua a percorrer, mais adiante um largo a atravessar, dando a impressão de que não via o suor que escorria da fronte dos forasteiros. A dulcificar um pouco a situação, apareceu uma «alma caridosa» que, além de lhes indicar o caminho, gentilmente tomou à sua conta uma das malas mais pesadas.

Não há mal que sempre dure e, por fim, os escoteiros chegaram ao local desejado. Mas, ó desilusão! a última camioneta havia partido ainda não há dez minutos! Com ela ruíra todo esse sonho que os três cavaleiros da flor de lis acalentavam, porque nesse dia não haveria mais transportes para lá e os hotéis de Granville não podiam receber mais ninguém, porque naquela altura, em pleno verão, abarrotavam de banhistas. Pobres viajantes! Haviam deixado os atraentes bulevares parisienses e vindo até às margens normandas só para admirar essa pequena ínsula que os mares, ciosos de beleza, vinham docemente acariciar. Afinal, quando o sonho parecia ir tornar-se mais risonho, foram rudemente acordados! Que desilusão!

Mas os três viajantes não esmorecem e, encolhendo os ombros, exclamaram: «Fica para a outra vez!» e vão saber o horário do próximo comboio. Era preciso retirar de Granville e eles queriam-no fazer em boa forma. O que era bem necessário era agir depressa; o próximo comboio partiria daí a 15 minutos.

O dia apresentava-se magnífico quando os três escoteiros entraram na pequena estação ferroviária, a fim de tomarem o comboio que os levaria através da Bretanha. Tinham-lhes falado muito dessa província francesa. E de facto em nada haviam sido enganados. Não há palavras que traduzam a doçura daqueles rios sinuosos, sobre cujas ribas se debruçam frondosos salgueiros, como a querer beber-lhes da sua frescura, daquelas campinas verdejantes, cortadas por filas de árvores pequenas, que debruam pequenos talhões, ou escondem pequenitas casas de telhados esguios, que mais parecem feitas de cartão. Tudo ali é pequeno, mas duma pequenez tão infantil e tão graciosa que dá vontade de estender a mão, agarrar e depois brincar.

Era pois este torrão, esta pequena pérola, que os três escoteiros iriam agora atravessar.

Era quase meio-dia quando o comboio se pôs em marcha. A travessia da Bretanha seria feita por etapas. Agora o comboio levá-los-ia até Foligny, uma pequena aldeia bretã que é, apesar disso, um entroncamento ferroviário importante. A viagem foi curta e dentro em pouco os viajantes chegavam ao destino. Foligny era de facto uma aldeia sem importância. Muito risonha, à volta estendiam-se os campos verdes da Bretanha a que o Sol não conseguia tirar-lhes a frescura. A estação tinha por certo, sofrido muitos bombardeamentos aéreos. Os edifícios da estação, os armazéns e até a passarele que atravessava as linhas, ainda que muito vistosos, eram construídos de madeira. As gares eram também de construção recente. Aqui e além, ainda se descobriam restos das antigas, quase desfeitas.

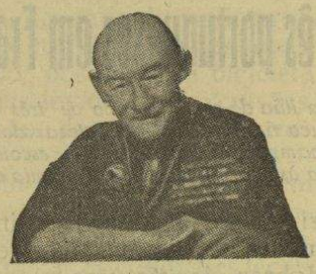
Era naquele ambiente campesino que os escoteiros teriam de permanecer três horas, pois mais cedo não teriam comboio. Os viajantes resolveram então dedicar a atenção ao problema instante do almoço, porque o «ratinho» começava já a fazer das suas...

Que *menu* se havia de preparar? Ali poucos recursos havia. Não seria provável encontrar-se restaurante. Que se havia de fazer então? Os molhos brancos, as carnes frias, toda essa variedade de saladas exóticas tão queridas dos franceses, se a princípio não tinham sido mal recebidos pelos portugueses, agora começavam a *cansar-lhes* o estômago, mal habituado a essas complicações culinárias. Porque não aproveitar aquela oportunidade para mudar de regime? Dentro das suas mochilas encontravam-se bastantes postas do velho bacalhau. Porque não almoçar-se o portuguesíssimo prato de bacalhau com batatas? Ideia genial! Todos acharam-na maravilhosa. Correu-se à povoação a comprar batatas e, entretanto, preparava-se o «fiel amigo» e acendia-se a fogueira. E algum tempo depois, em plenos campos da Bretanha, três portugueses devoravam uma pratada de bacalhau com batatas, temperadas com azeite de Portugal, vinagre e até alho, como se estivessem nalgum acampamento em Portugal.

Nunca pitéu foi mais saboroso, nem banquete regalou mais os seus convivas. É que não é só o coração que espicaça os portugueses de saudades, quando longe deste céu tão azul; o estômago também nunca esquece este canto risonho. É patriota firme, não se deixa enfeitiçar pelas iguarias do estrangeiro...

JOEL RIBEIRO

A Voz do Chefe



O SORRISO DO ESCOTEIRO

Já alguma vez tendes estudado os dez artigos da Lei do Escoteiro? Sim, sei que os haveis lido e recitado como uma lição na escola. Porém, não é isso que eu quero dizer. Verdadeiramente que os haveis estudado? Quer dizer, haveis pensado cuidadosamente em os pôr em prática na vossa própria vida?

Creio realmente que todo o Escoteiro que o faz e que segue absolutamente a Lei do Escoteiro em seu trabalho diário e em seus jogos, não sòmente como rapaz, senão mais tarde ainda como homem, não pode deixar de ter êxito na vida.

Tomai como exemplo o Oitavo Artigo da Lei que diz: «O Escoteiro sorri e assobia». Esta parece uma lei muito ridícula, mas se a puseres em prática, particularmente o sorriso, vereis que no perigo, no desgosto, na doença e ainda no caso de cair num engano, se vos esforçais por sorrir, desaparecerá metade das dificuldades. O facto de sorrir vos faz mais felizes, e faz também que os demais, ao ver a vossa cara sorridente, sejam também mais felizes. Quando tenhais de falar a um desconhecido, ainda quando seja só para lhe perguntar um caminho, o vosso sorriso o predisporá logo a vosso favor. Posso dizer-vos: «Um sorriso é uma chave secreta que abre bem o coração». O vosso sorriso mostra que tendes dentro de vós um bom espírito, cheio de boa vontade e amizade.

Já vos tenho dito que para ser verdadeiramente um homem, um tipo de bem, é preciso ter corpo são e cérebro inteligente. Porém um assassino pode ter um e outro. Então, é preciso ainda uma terceira coisa para fazer um homem de coração, que é: o bom espírito que mostrais em todas as vossas empresas.

BADEN-POWELL

* ● *

DA GRÃ-BRETANHA

O 40.º Aniversário do Escotismo

Por motivo do 40.º aniversário da fundação do Movimento Escotista, a Associação dos Escoteiros Britânica recebeu muitos telegramas de saudação, dos quais destacamos três publicados na revista Jamboree.

Do Primeiro Ministro C. R. Attlee

Desde a sua fundação, há 40 anos, a **Boy Scouts Association** *tem mantido regularmente, através dos tempos e das dificuldades, os seus ideais; espírito de iniciativa, coragem e confiança própria, amor da justiça e firmeza na verdade. Estes ideais irão fazendo bons vizinhos e bons cidadãos, não sòmente neste país, mas no mundo.*

Espero que o trabalho da Associação possa continuar a prosperar.

C. R. ATTLEE

De Winston Churchill

Em tempo de guerra como na paz, os Escoteiros estão sempre prontos para servir a sua pátria em tudo quanto estiver ao seu alcance. Confieci o grande fiomem que escreveu Scouting for Boys *há 40 anos, e tenho visto com prazer e aprovação através dos anos os resultados da actividade por ele estabelecida. Agora, como nunca antes, o nosso país necessita daquela integridade de carácter, daquela lealdade, e daquelas muitas e várias virtudes que o Escotismo ensina. Congratulo-me com a* **Boy Scouts Association** *pelo seu 40.º aniversário e desejo-lhe anos de útil e feliz serviço.*

WINSTON S. CHURCHILL

Do General Smuts

Sendo um dos que combateram na África do Sul contra o vosso grande Fundador — o grande Escoteiro Lorde Baden-Powell — tenho particular prazer em enviar à **Boy Scouts Association** *congratulações pelo seu 40.º aniversário. Lorde Baden-Powell foi o verdadeiro protótipo das qualidades de confiança própria e fionorabilidade que têm orientado os princípios do vosso Movimento; e em parte nenfiuma como na África do Sul o seu nome se tem mantido até fioje em merecido e fionroso respeito.*

Está acima de toda a dúvida a importância e o valor do Movimento Escotista da Comunidade Britânica para o mundo. Trinta e sete nações junto à Grã-Bretanha e Colónias Britânicas, têm demonstrado a sua fé nos seus ideais dando-lhe reconfiecimento oficial — um êxito de progresso num curto espaço de menos de meio século, do qual vos podeis bem orgulfiar. Com tais princípios como os vossos e com o êxito do vosso Fundador para vos inspirar, é certo que o vosso Movimento continuará a florescer; e da África do Sul, onde se pode dizer o vosso Movimento teve o seu berço, vos saúdo e desejo contínuos e maiores sucessos.

J. C. SMUTS

... o cientista é quase sempre profundamente crente. Ao contrário do que tantas vezes se pensa, o investigador, na sua ânsia de procurar incansàvelmente a verdade, vê que tal caminho o não afasta de Deus, antes o aproxima sem cessar.

ANTÓNIO DE SOUSA DA CÂMARA
Prof. Engenheiro-Agrónomo

A NOSSA FAMÍLIA ESCOTISTA

RAPAZ! Tu és dos nossos, gostas do teu Movimento. Ser escoteiro é, tu bem o sabes, «ser amigo de todos».

Ora, ter um amigo não é ajudá-lo em todas as circunstâncias, fazê-lo compartilhar de todas as nossas próprias alegrias, pôr à sua disposição tudo aquilo que lhe possa ser útil...?

Estás de acordo, não é verdade, que se os teus camaradas se fizerem escoteiros não perderão o seu tempo? Sim! Mas conheces quais são as razões por que eles não procuram seguir as actividades de um Grupo? Será que nunca ouviram falar deste movimento da juventude fundado por Baden-Powell? Ou, se ouviram, terão compreendido? Terão entrevisto as suas belezas? Pode ser mesmo, o que será mais grave, que tu nunca lhes tenhas dito que és escoteiro!

Portanto, só tu és responsável por este estado de coisas, não achas?

Irmão-escoteiro, isto é lamentável, mas é sempre tempo de bem fazer.

Fala do teu Movimento, fá-lo conhecido, mostra-o em todos os seus atractivos, não te prives de fazer isto nem àqueles que tu simpatizas, nem àqueles que tu preferes evitar. Sei que é difícil fazer criar simpatia por um Movimento que se ignora. Por isso, saberás tu explicar correctamente o que é o Escotismo àquele que, apercebendo-se da tua insígnia, to pergunta? Deves estar «sempre pronto» a responder a esta pergunta...

Experimenta fazê-lo para ti só primeiramente. Se verificares que o não consegues, documenta-te ràpidamente, e é *muito urgente*, daí depende o êxito da próxima vez que se pode apresentar a todo o momento.

Desembaraça-te agora a conduzir a conversação com os teus amigos sobre o assunto: escotismo. Descreve-o em todos os seus aspectos e faz que, em consequência disso, um, dois, vários (nunca será demasiado) se tornem teus irmãos pelo nosso Movimento. Nota bem, não deves praticar este acto com indiferença, antes pelo contrário, é um dever que deves cumprir no mais curto prazo, compreendendo bem toda a sua utilidade.

É preciso que, graças a ti, a família escotista admita novos membros e se engrandeça, isto para bem de todos.

Bom êxito, irmão-escoteiro!

FRANÇOIS BARADEZ

Os filhos convertem-se para os pais, consoante a educação que recebem, numa recompensa ou num castigo.

PETIT-SENN